



Consumismo infantil: na contramão da sustentabilidade



O poder transformador das novas gerações

A base da sustentabilidade repousa na capacidade de uma nação promover o bem-estar desta e das futuras gerações. Para tanto, é preciso consumir de forma responsável os recursos naturais disponíveis, respeitando seus limites e períodos de regeneração, além de reduzir a quantidade de lixo gerado.

Garantir um futuro abundante àqueles que hoje são crianças não depende apenas da mudança de comportamento da atual geração, mas também de educar para o consumo. Esse é o caminho que devemos trilhar em busca do desenvolvimento sustentável.

Esse processo se inicia já na infância. Desde pequenas, as crianças devem ser instigadas a descobrir que cada uma de suas ações tem impacto no coletivo e que, no que diz respeito ao cuidado com o meio ambiente, isso não é diferente. Antes de serem apresentadas ao mundo do consumo, elas também devem aprender valores essenciais à sobrevivência da humanidade, como a solidariedade, o senso de responsabilidade com o bem comum, o respeito ao outro e ao meio em que vivemos.

Embora esse percurso de aprendizagem sobre o nosso papel na sociedade nos pareça absolutamente natural, não é assim que tem acontecido. Um dos maiores desafios da contemporaneidade é reverter o cenário atual: antes de sermos formados para a cidadania, somos treinados a consumir de forma desenfreada.

Essa nova realidade exige reflexões profundas. Muitas vezes encontramos respostas na educação – conceito amplo e de responsabilidade comparti-

lhada, que não se dá só em casa ou na escola, mas também nas ruas e nas diversas mídias.

As crianças, nesse sentido, são a porta de entrada para um futuro mais sustentável. Se aprenderem a agir e a consumir com consciência, serão importantes transformadores sociais. Mas crianças estão sendo formadas para isso?

Nas escolas, as iniciativas ainda são muito tímidas, com atividades pedagógicas voltadas principalmente para educação ambiental. É preciso ir além e reforçar a relação entre o consumo e o meio ambiente, tratando do impacto de nossas escolhas no planeta e do dano que nosso atual modelo consumista já causou.

Ao mesmo tempo, os alimentos industrializados carregados nas lancheiras e oferecidos nas cantinas, os brinquedos eletrônicos produzidos sem respeito às legislações ambientais e de trabalho e a preocupação excessiva com o acesso a bens materiais são apenas alguns dos fatores que contradizem todo o esforço de uma educação para a sustentabilidade.

O fato é que hoje as crianças são induzidas primeiramente a conquistar um espaço no mundo do “ter”. E qual é o impacto disso na sociedade?

Ninguém nasce consumista.

O consumismo é um hábito que se forma a partir de valores materialistas e que traz sérios problemas para a sustentabilidade.

É possível mudar este quadro.



Consumismo, na contramão da sustentabilidade

Cada vez mais as crianças têm sido o alvo preferencial de apelos comerciais e ações de marketing, mesmo que ainda não estejam preparadas para lidar com as complexas relações de consumo. Mal sabem falar, mas já reconhecem marcas e logotipos. Nos primeiros passos, já são espectadoras fiéis de programas televisivos e de seus personagens, depois amplamente reproduzidos em embalagens, materiais escolares, roupas, brinquedos, sapatos, produtos de higiene... A lista pode ser infinita.

Diante disso, como explicar a um pequeno que a embalagem de plástico daquele bolo que traz a divertida figura de seu personagem favorito da tevê, somada às embalagens consumidas por seus coleguinhas e todas as crianças no mundo, gera um impacto acumulado no meio ambiente? Como levá-lo a compreender que seu brinquedo pode ter sido produzido em condições de desrespeito ao meio ambiente e à saúde dos trabalhadores? Exemplos como esses são apenas o começo.

O mais importante é garantir o direito de as crianças vivenciem todas as etapas de seu crescimento e, aos poucos, ensiná-las valores mais humanos e menos materialistas. Ser feliz nada tem a ver com possuir bens materiais e status social. Também é fundamental que até os 12 anos as crianças sejam protegidas dos apelos para o consumo e que aprendam a lidar com o consumo sempre com a mediação de adultos. Só assim elas serão capazes de desenvolver espírito crítico.

Caso continuem sendo estimuladas a consumir sem condições de refletir sobre suas escolhas, haverá um impacto negativo ainda maior em problemas que já afetam a sociedade. Alguns dos principais são:

- Aumento exacerbado do consumo
 - Aumento da geração de resíduos
- Obesidade infantil
- Adultização da infância e erotização precoce ←
 - Consumo precoce de álcool e tabaco
 - Diminuição das brincadeiras criativas
- Violência
- Estresse familiar

Todos esses problemas são multifatoriais, mas se acirram em decorrência da alta exposição de crianças a mensagens mercadológicas. Em consequência, acirra-se também o desequilíbrio social, econômico e ambiental.

Em números

5 horas
por dia



As crianças brasileiras estão entre as que mais assistem à televisão no mundo, com uma média impressionante de **mais de 5 horas por dia**, segundo levantamento do Ibope 2011. Além do consumo de energia e do aumento do sedentarismo infantil, essa exposição excessiva contribui para o consumismo, já que a televisão é o principal canal de veiculação de campanhas comerciais que falam diretamente com as crianças. Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo feita em parceria com o Instituto Alana apontou que **64% de todos os anúncios veiculados nas emissoras monitoradas às vésperas do Dia das Crianças de 2011 foram direcionados para o público infantil.**

A obesidade infantil cresce em um ritmo assustador e já atinge 15% da população infantil brasileira. Segundo o IBGE, **o sobrepeso entre crianças dobrou nos últimos 34 anos** e está intimamente relacionado ao aumento do consumo de alimentos industrializados, amplamente divulgados pelo mercado produtor e distribuidor.



Segundo pesquisa da InsterScience, de 2003, **os fatores que mais influenciam o consumo de produtos infantis em geral são: 1º. Publicidade na tevê; 2º. Personagem famoso; e 3º. Embalagens.**

Acesso rápido ao consumo, independência e prestígio são os principais motivadores de delitos entre as crianças e adolescentes internos na Fundação Casa de São Paulo, de acordo com pesquisa da instituição de 2006.

A publicidade de alimentos não saudáveis estimula o consumo excessivo de produtos industrializados e agrava o aumento dos índices de sobrepeso e obesidade infantil. 1 em cada 3 crianças de 5 a 9 anos está acima do peso e o sobrepeso dobrou nos últimos 34 anos, segundo dados da POF 2008-2009, produzidos pelo Ibope.



Em relação ao consumo precoce de álcool, **62% dos adolescentes brasileiros afirmaram terem sido expostos quase todos os dias, até mais de uma vez por dia, a publicidades de bebidas alcoólicas**, de acordo com pesquisa da Unifesp de 2009. A idade na qual se inicia o consumo regular de bebidas alcoólicas no Brasil está entre 12 e 14 anos.



Somente 38,3% das crianças entre 5 e 10 anos consomem frutas, legumes e verduras em sua dieta alimentar, de acordo com o Ministério da Saúde.



Esses dados retratam uma realidade que precisa ser repensada. A criança não deve ser alvo do mercado nem iniciada no mundo do consumo sem que seja educada para isso. Antes de conhecer marcas e produtos, a criança precisa ser preparada para ser cidadã, além de consumidora consciente e responsável.

Um problema de todos

A questão do consumismo infantil não se restringe apenas à esfera da família. Todos nós temos o dever de garantir às crianças bem-estar, saúde, educação, moradia, alimentação, cultura e lazer, como determina o artigo 227 da Constituição Federal. Também todos nós temos direito a viver em um meio ambiente ecologicamente equilibrado, de onde deriva o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. São questões que passam, necessariamente, pela mudança de nosso comportamento de consumo.

Para tanto, cada um tem um papel fundamental. No que diz respeito à educação para o consumo sustentável:

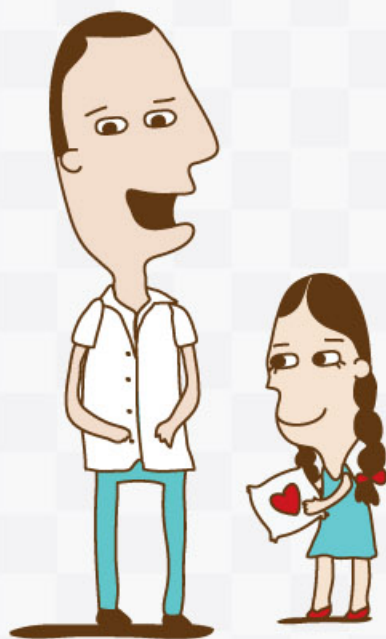
Pais e responsáveis devem dialogar com seus filhos e impor limites. Dizer “não” a cada pedido de consumo desnecessário é muito importante para que a criança aprenda a lidar com frustrações e entender que suas ações podem ter impactos no coletivo. Também é importante dar o exemplo e ensinar as crianças a fazer algumas reflexões a cada novo pedido: “preciso realmente comprar isso?”, “já não tenho algo parecido que possa ser reaproveitado?”.

Educadores e cuidadores devem aproveitar o convívio diário com as crianças para fortalecê-las e contribuir para a formação de agentes autônomos, criativos e críticos. Levar o debate sobre consumo e seus impactos para o ambiente escolar é imprescindível no processo de formação das crianças.

Empresas e organizações da sociedade devem agir com responsabilidade e ética, olhando para a infância como ela deve ser vista. Crianças não devem ser vistas como pequenos consumidores, porque elas não estão formadas para isso. Apelos ao consumo devem ser direcionados aos pais.

O Estado brasileiro tem a obrigação de oferecer a seus cidadãos um ambiente minimamente regulado, que proteja as crianças frente às relações de consumo.

Cada um precisa cumprir suas responsabilidades para a formação de crianças mais saudáveis, felizes e atentas à sustentabilidade.



Valorizar a linguagem da criança é também educá-la para a cidadania

O brincar é a linguagem universal da criança. É por meio dela que os pequenos aprendem sobre o mundo, experimentam relações afetivas e sociais e exercitam comportamentos da vida adulta. E o que isso tem a ver com consumo sustentável? Tudo!

Respeitar o tempo das crianças e permitir que até os 12 anos elas vivenciem todas as fases do desenvolvimento com plenitude é uma maneira de fortalecê-las. O brincar é essencial nesse período. Segundo a psicóloga norte-americana Susan Linn, especializada em desenvolvimento infantil, **“a brincadeira criativa é a fundação do aprendizado, da criatividade, da resolução construtiva de problemas, da habilidade de dar continuidade a projetos e de ter autocontrole. Mas também é a maneira pela qual a criança lida com a vida para atribuir-lhe sentido”**.

Então, atenção: brincadeira é coisa séria! Além de toda a relevância que o brincar tem na formação de cada ser humano, há ainda os impactos do consumo desenfreado de produtos infantis que muitas vezes são tidos como imprescindíveis para a atividade lúdica. Será que são mesmo?

Muitas vezes (nem sempre), as brincadeiras necessitam de brinquedos chamados estruturados – a boneca, o carrinho, o robô, o videogame etc. E hoje, em um mundo que valoriza mais o acúmulo do que o conhecimento, há um incentivo maior ao consumo desses objetos, principalmente estimulado por mensagens comerciais.

Um levantamento feito pelo Observatório de Mídia da Universidade Federal do Espírito Santo em parceria com o Instituto Alana revelou que nos 15 dias que antecederam o Natal de 2011, 70% de todas as publicidades veiculadas nos canais segmentados para o público infantil monitorados foram de brinquedos. O apelo para o consumo é grande e quase sempre divulga um tipo de produto que exige muito pouco da criança.

Uma alternativa ao consumo desenfreado desses produtos é estimular que as crianças brinquem de forma criativa e, em alguns momentos, substituam o brinquedo tradicional por um confeccionado por elas mesmas a partir de sucata.

Como você pode falar com as crianças sobre consumo?

Essa é uma pergunta recorrente de pais, cuidadores e educadores. O que é preciso ter em mente é que, desde que nascem, as crianças são impactadas de alguma maneira pelo ambiente, pelas pessoas e pelos valores a sua volta. Por isso é tão importante oferecer-lhes condições para que cresçam de forma saudável e sejam educadas com base em valores e princípios éticos que as ajude a agir com mais responsabilidade e cidadania na vida adulta.

Além de mostrar dia após dia que o mundo extrapola o indivíduo e que nossas ações fazem a diferença negativa ou positivamente, dialogar com as crianças e saber ouvi-las é essencial.

No que diz respeito ao consumo, o entendimento da criança sobre os impactos de suas próprias ações leva um tempo maior para ser construído, natural do processo de formação de uma consciência crítica sobre o tema.

Por isso, apresentamos no verso deste caderno um conteúdo especialmente desenvolvido para você instigar crianças de **9 a 10 anos** a pensar em alternativas ao consumo exacerbado. **Esse material deve ser sempre utilizado com a mediação de um adulto, com atenção à faixa etária indicada.**

Tempo de ser criança

Existem várias maneiras de cuidar do planeta em que vivemos. Uma delas é buscar alternativas para o consumo em excesso. Afinal, levante a mão quem nunca foi às compras como opção de lazer. Mas será que é preciso sempre consumir para se divertir? Vocês já ouviram falar em consumo sustentável? A seguir, as nossas dicas de atividades divertidas e simples para fugir de programas caros para o bolso e para o meio ambiente.

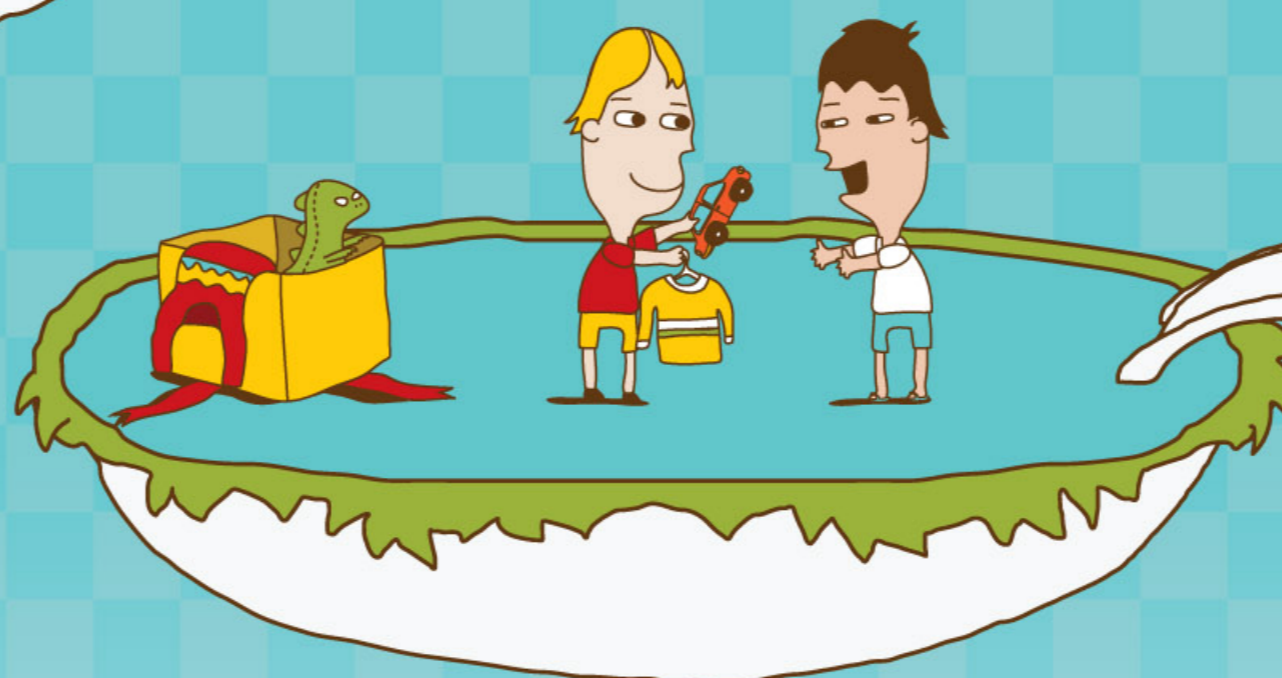


Eu quero ou Eu preciso?

Vocês já pararam para pensar de onde vem nossa vontade de comprar alguma coisa? Será que tudo o que é anunciado na tevê nos interessa de verdade ou é um desejo passageiro? E, por último, será que precisamos de todas essas coisas e podemos comprar tudo que queremos? Por isso, que tal combinar primeiro o que vamos comprar ou se vamos comprar algo antes de ir passear num shopping ou supermercado? Assim ninguém fica triste; pais ou crianças. Outra ideia bacana é fazer uma economia junto com nossos pais para comprar algo que queremos muito ou escolher uma data bem especial para esse presente.

Ganhou, doou!

Para que os armários não fiquem cheios de coisas guardadas que não usamos mais e ocupem muito espaço que tal fazer um combinado? Para cada brinquedo ou roupa nova que ganhar ou comprar que tal doar aquilo que ficou antigo para outras crianças? E o mais legal é que para o novo dono, tudo será novo de novo! Vale experimentar porque essa moda pode pegar!



Vamos invadir as ruas de brincadeiras?

Que tal desligarmos um pouco a tevê, a internet e sairmos para rua em busca de espaços divertidos para brincar? Além de não gastar quase nada, um passeio na praça ou no parque pode nos ajudar a fazer novos amigos e aprender brincadeiras diferentes. A cidade é nossa! Portanto, devemos invadir as ruas ocupando os espaços públicos com muitas brincadeiras e alegria, mas lembrando sempre de cuidar do que é de todos então... nada de lixo na rua!



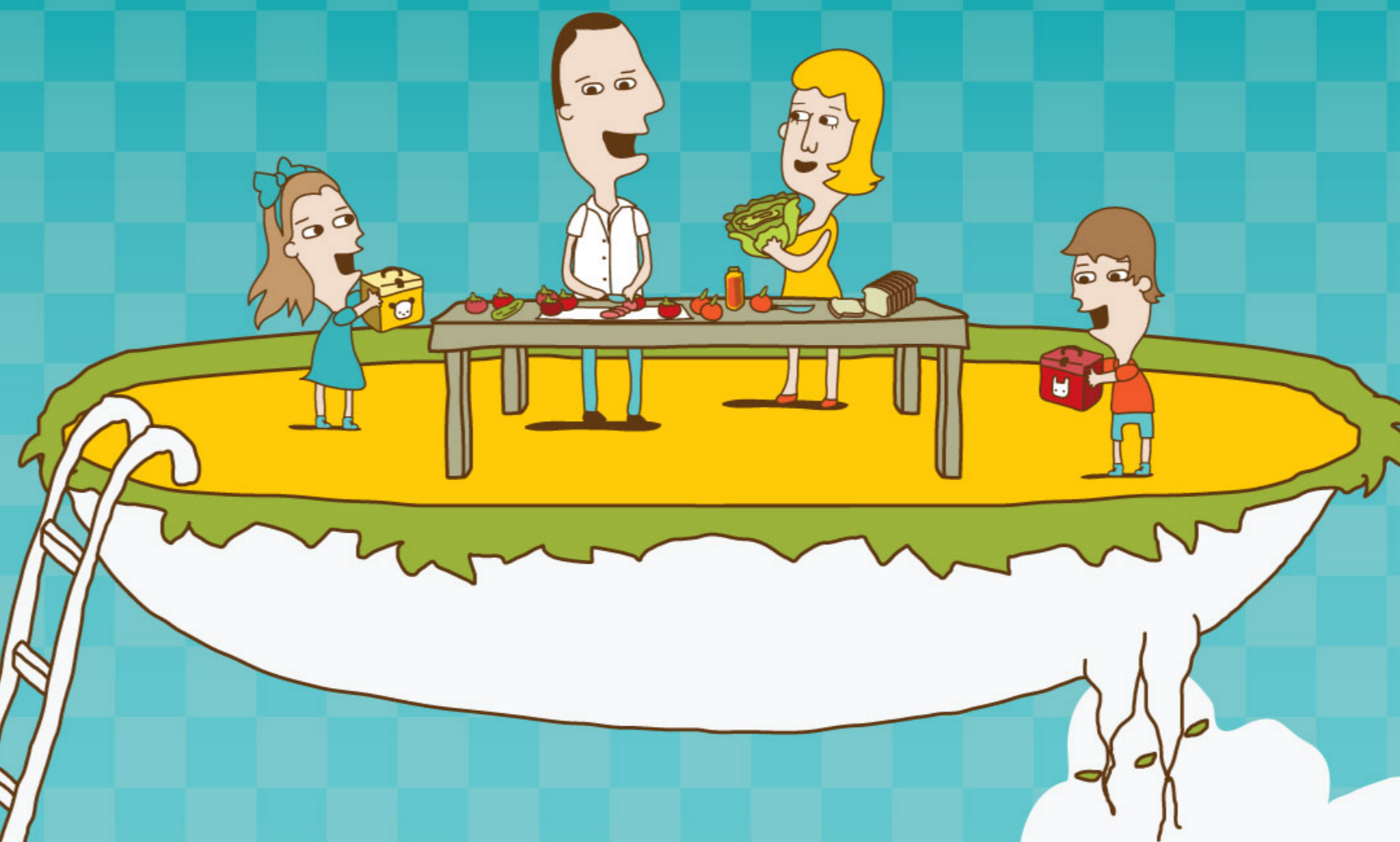
Desligue os botões e entre em contato com a natureza.

Praias, bosques, trilhas, lagos, rios. Tudo isso existe em nossas vidas, mas parece esquecido. Que tal se passar por um detetive e redescobrir espaços ao ar livre para brincar? A curiosidade e a imaginação podem nos levar a lugares nunca antes experimentados ou vividos. Muitas vezes é preciso desligar os botões da tevê, da internet e dos jogos eletrônicos para descobrir novidades da natureza e de nossa imaginação.



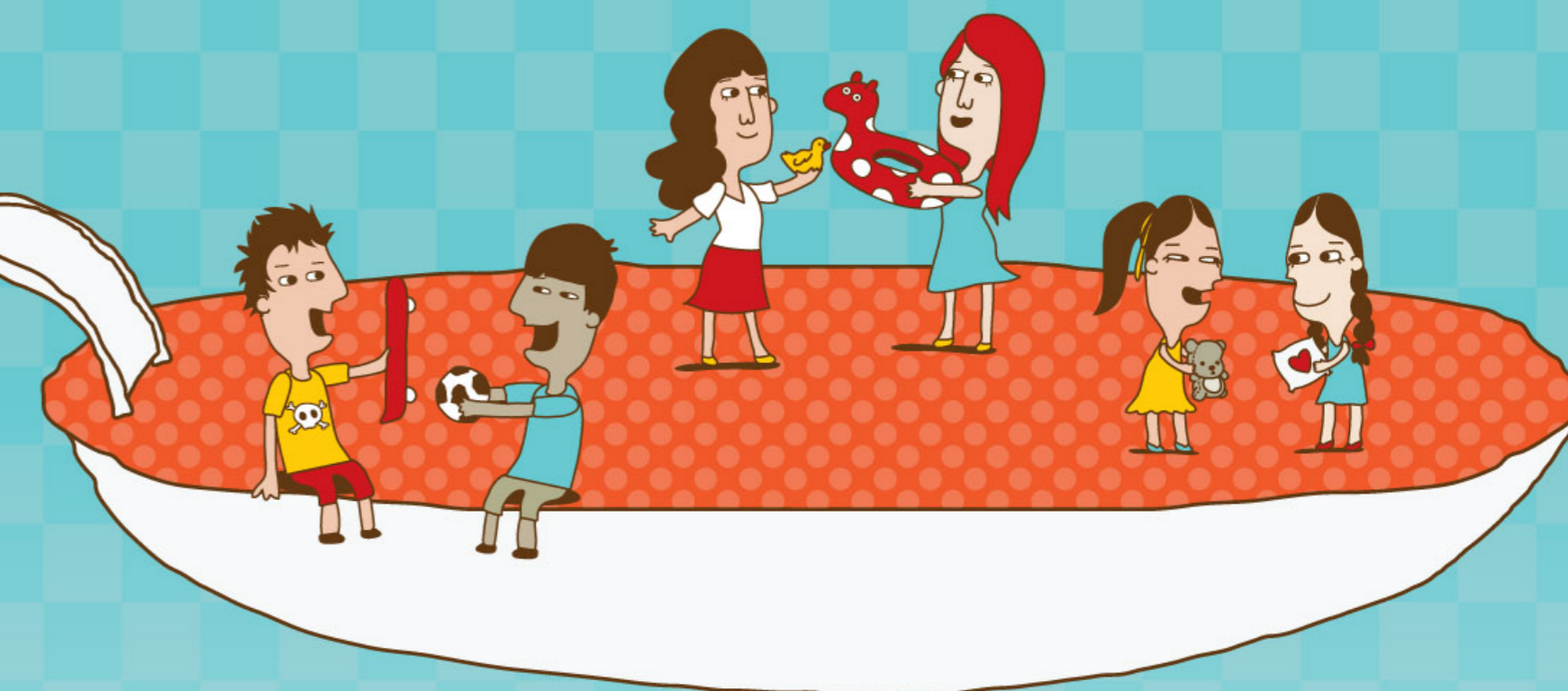
Sabia que lanches mais saudáveis podem gerar menos lixo?

Será que podemos escolher nossos lanches de maneira mais saudável e que não deixe tanto lixo? Frutas, sucos naturais e sanduíches feitos em casa são uma boa opção para nossa saúde e para natureza. Uma boa ideia é tentar escolher nossos lanches não só pelos personagens que estão nas embalagens, mas pelas coisas boas que esses alimentos podem trazer para nossa saúde. Usar lancheiras ou potinhos também contribui para diminuir o lixo. Peça ajuda para seus pais!



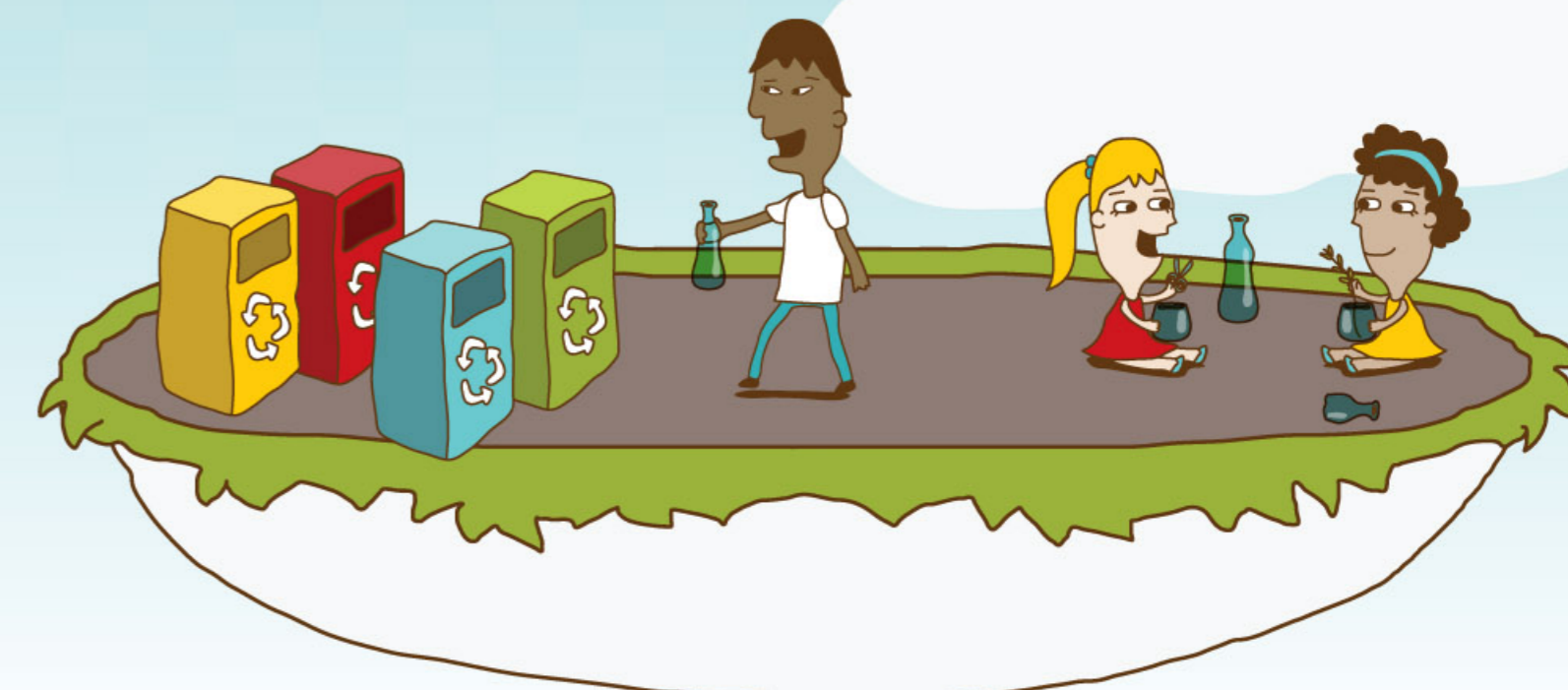
Trocar pode ser mais divertido do que comprar...

Vocês sabiam que crianças de outros lugares e países adoram trocar coisas em feiras? Muitas vezes famílias ou grupos de amigos organizam feiras de troca em espaços públicos como praças, igrejas ou parques. A ideia é muito simples: basta escolher um tema – roupas, material escolar, jogos, brinquedos, sapatos – e levar aquilo que não usamos ou não gostamos mais para trocar por outros itens. A única regra é querer trocar. E tudo isso pode ficar mais divertido se cada participante levar um prato com comidinhas gostosas. Topam?



Vamos tentar dar um final mais feliz para as embalagens?

Quase tudo que compramos hoje vem dentro de uma embalagem que pode ser caixa, garrafa, saquinho ou lata. E para onde vão todas essas caixas? Para o lixo! Agora, será que não podemos dar um destino mais feliz para elas? Claro! Uma ideia é separar as embalagens pelo seu material (plástico, vidro, papel e metal) antes de jogarmos no lixo, pois assim elas poderão ser recicladas e transformadas em coisas novas. Outra ideia é reutilizar as embalagens: caixas, por exemplo, podem ser úteis depois de vazias. Crie, invente, use de novo!





Ministério do
Meio Ambiente



PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

A série "Cadernos de Consumo Sustentável" é uma publicação do Ministério do Meio Ambiente. O Instituto Alana colabora neste volume. Mais informações podem ser obtidas nos sites:

**www.alana.org.br, www.mma.gov.br e
www.consumosustentavel.gov.br.**